

**EIXO TEMÁTICO 10 | QUESTÕES SOBRE ENVELHECIMENTO, INFÂNCIA E
JUVENTUDE****CUIDADOS, CUIDADORES E AS EMOÇÕES****CARE, CAREGIVERS AND EMOTIONS****Leila Daniela Sousa Ferreira Teixeira****RESUMO**

O presente trabalho é fruto da pesquisa de mestrado do Programa de Sociologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, intitulada “Solar do Outono: uma reflexão da institucionalização de pessoas idosas em ILPI do Governo do Maranhão” e apresenta alguns resultados obtidos a partir da pesquisa de campo realizada na instituição pesquisada. Tem natureza qualitativa, constituindo-se como estudo de caso e foi realizada através de visitas à Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI) Solar do Outono, localizada em São Luís, capital do Maranhão. Realizou-se entrevistas semiestruturadas com a equipe de referência e com os/as idosos/as residentes no Solar do Outono. Além disso, foram feitas observação participante, bem como levantamento bibliográfico e revisão de literatura. Objetiva-se com esse artigo discutir o aspecto emocional dos cuidados em idosos institucionalizados e a relação destes com os seus cuidadores, a partir de Hirata, Pascale, Lehner, Rezende, Mauro Koury e Nobert Elias.

Palavras – chaves: Cuidado, ILPI, Emoções**ABSTRACT**

This work is the result of master's research from the Sociology Program at the Federal University of Piauí – UFPI, entitled “Solar do Outono: a reflection on the institutionalization of elderly people in ILPI of the Government of Maranhão” and presents some results obtained from the research fieldwork carried out at the researched institution. It is qualitative in nature, constituting a case study and was carried out through visits to the Long-Term Institution for the Elderly (ILPI) Solar do Outono, located in São Luís, capital of Maranhão. Semi-structured interviews were carried out with the reference team and the elderly residents at Solar do Outono. In addition, participant observation was carried out, as well as a bibliographic survey and literature review. The aim of this article is to discuss the emotional aspect of care for institutionalized elderly people and their relationship with their

caregivers, based on Hirata, Pascale, Lehner, Rezende, Mauro Koury and Nobert Elias.¹

Keywords: Care; Long-Term Care for Older Adults; Emotions

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da pesquisa de mestrado do Programa de Sociologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, intitulada “Solar do Outono: uma reflexão da institucionalização de pessoas idosas em ILPI do Governo do Maranhão” e apresenta alguns resultados obtidos a partir da pesquisa de campo realizada na instituição pesquisada.

A presente pesquisa tem natureza qualitativa, constituindo-se como estudo de caso e foi realizada através de visitas à Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI) Solar do Outono, localizada em São Luís, capital do Maranhão. Realizou-se entrevistas semiestruturadas com a equipe de referência e com os/as idosos/as residentes no Solar do Outono. Além disso, foram feitas observação participante, bem como levantamento bibliográfico e revisão de literatura.

Dito isto, nos propusemos a olhar para causas e emoções dos/as idosos/as e profissionais da ILPI Solar de Outono como “teias de significados” que pretendemos descrever densamente. Na esteira dessa perspectiva, elencamos as atividades realizadas: visitas sistemáticas à instituição; a aplicação de questionário com a equipe multiprofissional e diretoria via *e-mail* e o recolhimento de entrevistas semiestruturadas realizadas de forma presencial e individual, com profissionais, diretoria e pessoas idosas institucionalizadas.

O Solar do Outono é uma ILPI financiada pelo Governo do Estado do Maranhão, sendo a única nessa modalidade, e está localizada na cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão. A ILPI Solar do Outono tem capacidade para acolher 40 idosos/as oriundos dos 217 municípios do Estado.

Os idosos/as entrevistados/as são os/as idosos/as com grau de dependência I, que estão com sua capacidade cognitiva preservada e não possuem nenhuma deficiência auditiva e que concordem em participar da pesquisa. A seleção foi feita com o auxílio dos profissionais da equipe multidisciplinar do Solar do Outono e da Direção da referida instituição.

Entrevistou-se 06 idosos/as, dos 40 acolhidos, tendo em vista que os demais foram indicados pela equipe com grau de dependência II e grau III, sendo que 9 deles já possuem algum grau de demência, impossibilitando as entrevistas.

De acordo com a resolução número 283, aprovada em 2005 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, os idosos institucionalizados são categorizados em três grupos quanto ao grau de dependência, sendo:

- Grau I: Independente - Vulnerabilidade social, mas consegue exercer atividades básicas e instrumentais da vida diária;
- Grau II: Parcialmente dependente - Apresenta algum grau de dependência física e cognitiva;
- Grau III: Totalmente dependente - Completamente dependente de terceiros.

As entrevistas com os/as profissionais, foram realizadas com os/as que compõem a equipe multidisciplinar (assistentes sociais, psicólogas, nutricionistas, enfermeiras, fonoaudiólogas, fisioterapeutas), e com os/as diretores/as da unidade.

Durante as entrevistas, observou-se as relações de cuidado entre os profissionais e as pessoas idosas, e como essa relação contribui de forma positiva para a estadia do (a) idoso (a) na instituição, contribuindo para adaptação e superação do momento de ruptura com a vida anterior à institucionalização.

Nesse sentido, objetiva-se com esse artigo discutir o aspecto emocional dos cuidados em idosos institucionalizados e a relação destes com os seus cuidadores.

2 O CUIDADO E SUA DIMENSÃO EMOCIONAL

O processo de envelhecimento é perpassado pela discussão dos cuidados, tendo em vista que em vários casos, a pessoa idosa, não consegue suprir ou não pode suprir as necessidades primárias, tornando-se dependentes dos cuidados dos outros. Lehner (2020, p.104) defende que todos nós precisamos de cuidados em algum momento de nossas vidas, e nas palavras de Molinier (2012), nós compartilhamos a condição de dependência e podemos nos tornar fornecedores ou receptores de cuidados.

Nesse aspecto, Passos (2020, p.18) compreende cuidado como sendo:

uma necessidade ontológica, constituindo-se como parte do processo de

transformação da natureza e das relações sociais que tem como resultado novas necessidades para a existência humana. Nesse processo existem aqueles que não conseguem ou não podem suprir as necessidades primárias, o que os coloca, de certa forma, “dependentes” uns dos outros. (Passos, 2020, p.18)

Lehner (2020, p.14) afirma que o desafio do envelhecimento demográfico se apresenta na forma como cada sociedade acompanha e reage a ele, sendo necessário analisar o envelhecimento em suas várias dimensões e como processo heterogêneo e uma das dimensões é o cuidado, pois a passagem do tempo imprime nos corpos um desgaste, que segundo Findling (et. al. 2015) pode se manifestar como capacidade ou incapacidade.

Vários estudos mostram, conforme indica Lehner, a complexidade da questão da prestação dos cuidados aos idosos e as ações para alcançar sua profissionalização.

Segundo Hirata (2022, p.33) o trabalho do cuidado é, no mundo todo, um trabalho majoritariamente de mulheres. Envolve realizar trabalho doméstico, cuidar de crianças e das pessoas dependentes no seio da família, o que pode traduzir em parte, por aquilo que Geneviève Cresson chamava de ‘o trabalho doméstico de saúde’.

Hirata (2022, p.12) complementa dizendo que além de generizado, o cuidado também é racializado:

Ainda que a responsabilidade por esse trabalho de cuidado seja confiado a assalariados (as) que se faça em domicílio, quer se faça em instituições, ele continua sendo predominantemente “trabalho de mulher”, de modo que a esmagadora maioria de profissionais do cuidado são mulheres. Por outro lado, além de ‘generizado’, é também ‘racializado’: grande parte do cuidado remunerado é realizado por uma minoria definida pela raça, pela etnia, ou pelo status de imigrado (a). (Hirata, 2022, p.12)

Nessa direção, as argumentações de Hirata acerca dos cuidados partem de uma definição multidimensional da relação social do cuidado, que segundo a autora, deve ser o ponto de partida para qualquer conceituação, em consonância com Molinier, em sua obra *Le Travail du care*, ao defender a indissociabilidade no cuidado das dimensões do trabalho, da ética e da política (Hirata, 2022, p.33).

Hirata define cuidado como:

Um trabalho material, técnico, emocional, moldado por relações sociais de sexo, de classe, de ‘raça’/etnia, entre diferentes protagonistas: os (as) provedores (as) e os (as) beneficiários (as) do cuidado, assim como aqueles que dirigem, supervisionam ou prescrevem o trabalho. O cuidado não é apenas uma atitude atenciosa, ela abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em trazer uma

resposta concreta às necessidades dos outros. Pode ser também definido como uma relação de serviço, de apoio, de assistência, remunerada ou não, que implica um senso de responsabilidade pela vida e pelo bem – estar do outro. (Hirata, p. 2022, p.30)

No conceito de Hirata evidencia-se, além da questão relacional, de gênero e raça, a questão emocional do cuidado. Lehner (2020, p.110), corrobora com Hirata e Hochschild (2008) para o aspecto emocional do cuidado, e diz que este é o resultado de um grande número de pequenos atos sutis que podem ou não ser conscientes, um trabalho emocional que envolve tempo, sentimentos, atos e pensamentos.

O cuidado tem sido demandado cada vez mais para as mulheres, para as famílias e na impossibilidade destas assumirem, demanda-se do mercado, eximindo-se o Estado cada vez mais de suas responsabilidades.

Na ausência de efetivação das políticas públicas de cuidados, a demanda recai sobretudo sobre as famílias, o mercado e instituições da sociedade civil, como é o caso dos Cuidados de Longa Duração (CLD).

Camarano (2010, p.15), traz uma das definições de (CDL), que é o apoio material, instrumental, emocional, formal ou informal oferecido por um longo período, às pessoas que necessitam independentemente da idade. A autora diz ainda, que em geral os cuidados de longa duração são partes dos sistemas de assistência social e de saúde e que os limites entre esses serviços ofertados pelos dois sistemas não ficam muito claros. (Camarano, 2010,p.16).

Contudo, pouca atenção tem sido dada ao aspecto emocional do cuidado, sobretudo em idosos institucionalizados em ILPIs e na relação com os cuidadores. Há pouca literatura e pesquisas relacionadas à temática e existe a necessidade de aprofundamento sobre a questão para entender a importância da relação entre cuidador e idoso (a) institucionalizado (a).

Hirata (2022,p.8) aponta que, conforme dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o número de pessoas que demandarão de cuidados em 2030 será de 2,3 bilhões de pessoas.

Camarano também traz importantes dados e reflexões acerca do envelhecimento populacional, ao dizer que as projeções para 2040 indicam que os idosos responderão por um quarto da população idosa e cerca de 7% da população total, representando um contingente de 13,7 milhões (Camarano, 2010, p.13).

No Brasil, muito se avançou no que diz respeito à garantia de uma renda mínima para a população idosa, mas a provisão de serviços de saúde e de cuidados formais ainda é uma questão não equacionada. Ela assume uma importância ainda maior em função do envelhecimento da própria população idosa, ou seja, do crescimento mais

acentuado da população de 80 anos de idade ou mais, de mudança nos arranjos familiares e no papel social da mulher, tradicional cuidadora dos membros dependentes da família, e de níveis de fecundidade abaixo dos de reposição. (Camarano, 2010, p.13)

A autora aponta que muito se avançou na garantia dos mínimos sociais para a população idosa, contudo pouco se avançou na oferta de serviços de saúde e de cuidados formais. Camarano (2010) sinaliza que a população idosa é a que mais necessita de cuidados e que tradicionalmente a mulher tem se apresentado como principal cuidadora.

Nesse sentido, cada vez mais os idosos necessitam de cuidados, e estes são demandados às famílias que nem sempre conseguem assumir de forma total esta responsabilidade, e o Estado dispõe de poucos serviços e políticas que atendam essa demanda.

Hirata (2022), aponta que só no início do século XXI, o cuidado para com as pessoas idosas emergiu como um problema urgente a ser tratado

... Só no século XXI, entretanto, o cuidado para com as pessoas idosas emergiu como problema urgente a ser tratado. No 'primeiro mundo', um tempo de vida mais longo resulta de evoluções nas áreas médica, social e política. Assim, em muitos países, uma parte cada vez maior da população precisa de uma assistência para as ações da vida cotidiana, assim como de cuidados em condições que, no passado, teriam sido fatais. Essa situação criou demandas cada vez maiores de trabalho de assistência a pessoas idosas e fez dele uma questão que suscitou o interesse de acadêmicos (as) e políticos (as). (Hirata, 2022, p.13)

Guimarães (2020, p.32) diz que a constituição do campo dos estudos do cuidado data do início dos anos 1980, sob inspiração feminista, nos Estados Unidos

... a constituição do campo dos estudos do cuidado data do início dos anos de 1980, nos Estados Unidos, sob a inspiração das problemáticas feministas suscitadas pelos movimentos sociais e assentadas na elaboração simultânea acerca de uma epistemologia feminista. (Guimarães, 2020, p.32)

No entanto, Guimarães (2020, p.32) informa que apenas em meados dos anos 2000, um pouco depois da emergência do cuidado como um campo no mundo anglófono, que surgiu assim a escola francesa do *care*

Mas foi apenas em meados dos anos 2000, um pouco depois da emergência do cuidado como um campo no mundo anglófono, que surgiu a assim chamada escola francesa do *care*, tendo como precursoras Sandra Lougier, Pascale Molinier e Patricia Paperman. Essas autoras deram continuidade à linha de pensamento de Tronto, tanto postulando a indissociabilidade entre política, ética e trabalho quanto ressaltando ser

o cuidado uma atividade ancorada na desigualdade de gênero, raça e classe. (Guimarães, 2020, p.37)

Um aspecto pouco estudado na dimensão dos cuidados são as emoções. Aqui entendemos emoções como define Mauro Koury (2009, p. 9) “as emoções, assim, são sentimentos dirigidos diretamente aos outros e causados pelas interações com os outros, em um contexto e situação social e cultural determinados.”

Nesse sentido, Soares (2012, p.44) afirma que para a satisfação das necessidades básicas do cotidiano, impõem-se cada vez mais ao indivíduo interações que se configuram como prestação de serviços. O autor defende que uma característica fundamental do trabalho no setor serviços, potencializada nas atividades que o ato de cuidar envolve, é a interação entre trabalhadora e o indivíduo para quem se produz o serviço.

Goffman (1983, p.14) aponta que “qualquer que seja a significação fundamental destas interações, para seus destinatários será claro que o modo como eles são tratados, nesse contexto, determinará o sentido do lugar dentro da comunidade.”

Expressões utilizadas por Goffman (1987, p.148) tais como “a participação numa entidade social impõe compromisso e adesão”, dando a entender, inicialmente, que indivíduo, instituição e estabelecimento seriam coisas distintas...como sujeitos e instituições se produzem mutuamente, numa completa implicação. As práticas institucionais produzem sujeitos como efeitos dessas práticas que por sua vez são tomados como alvos de manutenção delas ou se organizam como foco de resistência e ordem institucional.

Podemos aprender com Goffman como o poder, ao enformar práticas sociais que visam o corpo do homem transforma-o num indivíduo e também num objeto científico, ao aprisioná-lo em uma certa “natureza” ou “identidade”, fruto das relações de poder.

O trabalho de cuidar do outro envolve diferentes dimensões e atividades, dependendo de quem é a pessoa que será objeto dele. Muitas vezes quem cuida e quem é cuidado não se conheciam previamente, e a interação entre eles é fugaz. Soares (2012,p.45) considera que a partir dessa interação, pode-se desenvolver toda uma história em comum, deflagrando-se uma sequência de interações no futuro. Nesse caso, para além da ocorrência de um encontro, tem-se o estabelecimento de uma relação entre quem cuida e quem é cuidado.

Soares identifica algumas dimensões do cuidado, entre elas a dimensão física, cognitiva, sexual, relacional e a dimensão emocional, ao qual é objeto deste trabalho. Segundo o referido autor “As emoções perpassam todas as esferas de nossas vidas, e tanto podem reforçar, quanto

estabilizar, a cada momento, laços interpessoais e vínculos com diferentes estruturas sociais e culturais.” (Soares, 2012, p.48)

3 RESULTADOS

Os/as idosos/as entrevistados/as apresentavam o sentimento comum de solidão, sobretudo antes de serem acolhidos/as na Instituição Solar do Outono. Tal sentimento é manifesto nas falas quando se referem a episódios em que se encontravam morando sozinhos/as ou mesmo residindo com outras pessoas, relataram viver isolados/as. Nas entrevistas, ao serem perguntados/as sobre como era sua vida antes do acolhimento, alguns responderam: “era um inferno”.

No geral, viviam sozinhos/as, até mesmo em Hospital por não ter para onde ir, até conseguirem uma vaga no Solar.

Esse relato se encaixa no que Nobeit Elias fala da “solidão dos moribundos” e do envelhecimento, na separação das relações sociais e conseqüente isolamento, sendo um testemunho das dificuldades que muitas pessoas têm em identificar-se com os velhos, sobretudo os moribundos.

A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência os isola. Podem tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros. Isso é o mais difícil – o isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos, o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a que eram afeiçoados, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança. Os anos de decadência são penosos não só para os que sofrem, mas também para os que são deixados sós. O fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades. É um testemunho das dificuldades que muitas pessoas têm em identificar-se com os velhos moribundo. (Elias, 2001 p.8)

Elias sublinha que esse isolamento ao qual os velhos são submetidos revela o sentimento vigente em nossos dias, que os moribundos da vida social, desnuda a falência dos velhos rituais. Na presente etapa civilizatória, manifestam a incapacidade de muitas pessoas expressarem seus sentimentos e emoções na vida pública e até mesmo na privada, provocando aos moribundos a sensação de não pertença e de exclusão.

O processo de civilização que a sociedade ocidental se submeteu na modernidade

silenciou os aspectos naturais e biológicos da velhice e da morte, cobrindo-as com significados culturais que permitem aos indivíduos a elaboração de fantasias que mais atrapalham que auxiliam na constituição de uma vida mais digna. As assimetrias sociais resultam de um processo de identificação entre não-velhos e velhos. Para Elias (2001), o primeiro deles não consegue compreender a condição dos outros, e essa incompreensão se dá de uma forma naturalizada. Afirma-se que o envelhecimento retira do indivíduo algo de sua humanidade.

A entrada na instituição inicialmente foi um processo de ruptura com a vida constituída até então, trazendo sofrimento, tristeza, expressos nas falas de alguns/as idosos/as durante as entrevistas, mas a equipe multiprofissional teve papel fundamental para que essa fase fosse transitória e os/as idosos/as passem a gostar de residir na instituição.

É notório nas falas dos/as idosos/as que os profissionais são os responsáveis pelos cuidados, desde atividades como sacar o dinheiro, acompanhar em passeios a atividades internas de lazer, desenvolvendo vínculos e relações afetivas com os/as idosos/as. Tais vínculos são fundamentais para que o/a idoso/a sintam-se bem na instituição, que passou a ser o seu lar.

Quando perguntados/as como se sentem na instituição, os/as entrevistados responderam que felizes, maravilhosos, bem. Demonstrando contentamento e adaptação à nova moradia, fato contrastante ao perguntarmos se o/a idoso/a tem contato com alguém fora da casa ou se gostaria de ter, e dos 6 entrevistados apenas duas idosas mantêm contato contínuo com a família, os/as demais não mantêm e/ou não gostariam de ter.

Fato explicado em decorrência das causas da institucionalização, que na ILPI estudada são principalmente: vulnerabilidade, abuso financeiro, abandono e insuficiência familiar.

Causas que em si afetam as relações sociais entre os idosos e seus familiares e cuidadores, bem como impactam suas vidas.

4 CONCLUSÃO

Para Simone de Beauvoir, “a velhice pertence àquela categoria que Sartre chamou: os irrealizáveis. Seu número é infinito, pois representam o inverso de nossa situação. O que somos para outrem, é impossível vivê-lo no modo do para si. O irrealizável é o meu ser à distância, que limita as minhas escolhas e constitui o meu avesso” (1990, p.236-237). Isto é, a experiência da velhice é irrealizável em si própria, porque ela não é vivenciada interiormente, seus aspectos

são percebidos pelos outros. É o olhar do outro que aponta o nosso envelhecimento. É o olhar do outro que aponta o nosso envelhecimento. Assim, o velho será sempre o outro, e tratamos de representar o que somos através da visão que os outros têm de nós.

Portanto, de acordo com esse pensamento, a velhice, compreendida como “irrealizável”, representa o “um modo de ser a distância”, já que é construída fora da consciência, ou seja, além do indivíduo.

Essa incongruência entre o ser para si e o ser para o outro – ou a consciência de si mesmo e a visão que os outros têm sobre nós-, quando percebida, provoca o que Beauvoir define como “crise de identidade”. Isto é, uma distorção da imagem de si próprio que coloca em questão a própria existência, pois o indivíduo toma consciência de que a ideia que faz de si mesmo não corresponde àquela que é concebida pelos outros.

A própria velhice no mundo ocidental contemporâneo, é muito variável. Uma das perspectivas desenhadas é a que pensa e analisa as imagens de velhice cuja ótica pode ser traduzida pela inutilidade do velho ou pelo peso que representa para a sociedade, em termos socioeconômicos, políticos, culturais, entre outros. Nesse sentido, da Motta (2002) aponta para a representação biológica da velhice com consequência sociais. Afirma que:

No imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da ‘idade’ como algo que se refere à ‘natureza’, e que se desenrola como desgaste, limitações crescentes e perdas, físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte. Não se costuma pensar em nenhum bem; quando muito, alguma experiência. Nenhum ganho, nessa ladeira abaixo”, (2002, p.41).

O velho é de certa forma uma pessoa que está praticamente alijada da sociedade. Ainda com a obrigação, imposta pelos valores morais da sociedade, de se respeitar os velhos, estes são tratados como seres inferiores e, “é de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele”, já que “o velho não fará mais que descer em direção à decrepitude e à morte; não serve para nada. Puro objeto incômodo, inútil, tudo que deseja é poder tratá-lo como quantia desprezível” (Beauvoir, 1990, p.268) Essa repugnância com relação ao velho, que Beauvoir classifica como biológica, se deve à não identificação do adulto e do jovem com a velhice já que, nela, o tempo só conduz o sujeito à morte e esta não é a possibilidade assumida. Por essa razão, o indivíduo idoso é visto como uma espécie estranha. O homem adulto defende-se da velhice e da morte empurrando-as para longe de si.

REFERÊNCIAS

- ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução da diretoria colegiada - **RDC nº 283**, de 26 de setembro de 2005. Disponível em: <
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html>
Acessado em: 10 mai. 2024.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista brasileira de estudos de população**, v. 27, p. 232-235, 2010.
- DA MOTTA, Alda Britto. Envelhecimento e sentimento do corpo. **Antropologia, saúde e envelhecimento**, p. 37-50, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1983.
- GOFFMAN, Erving; KIHM, Alain. **Façons de parler**, 1987.
- HIRATA, Helena. **O cuidado: teorias e práticas**. Boitempo Editorial, 2022.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The Managed Heart: The commercialisation of human feeling**, Berkeley: University of California Press, 1983
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. **Preface To S. Fineman**,(Ed), Emotion in Organizations. 1993.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O que é medo: Um adentrar no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba. **Psicologia & sociedade**, v. 21, p. 402-410, 2009.
- MOLINIER, Pascale. **El trabajo de cuidado y la subalternidad**. 2012.
- NOBERT, Elias. A solidão dos moribundos. **Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar**, 2001.